

Resenha

Notas sobre *Ângulos*: Literatura & Outras Artes, de Evando Nascimento¹

Ana Cristina Chiara*



que pode o gesto da mão num lance de dados? Desafiar o acaso ou submergir nele? Mergulhar num mundo de instabilidades sem crenças duradouras? O que o leitor contemporâneo pode? Afundar nas palavras que dançam diante de seu rosto doendo-lhe os olhos? Ou manter aceso o lume da inteligência, única pluma a guiá-lo no mar bravio das leituras? Deixar-se ir à deriva num turbilhão de palavras? Ou manter no punho cerrado a constelação de seu desejo?

O que quer o leitor quando entra numa livraria e tem de decidir, ao acaso, a escolha de um livro? Qual o lance que preside esta escolha? Quem faz realmente a escolha por ele? O último suplemento

* Professora-Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
1 Texto apresentado pela Prof.^a Ana Cristina Chiara (UERJ) durante o lançamento do livro *Ângulos*, em seguida à conferência "O Pensamento Francês Contemporâneo e o Pensamento Crítico no Brasil", ministrada por Evando Nascimento, dia 25 de novembro de 2002, na Médiathèque -Centre de Ressources da Maison de France, RJ.

literário? O marketing da editora? A última conversa com os amigos que criou o constrangimento do “ainda não leu”?

O que é um leitor? O que pode a literatura hoje? O texto literário pode resistir à sedução das imagens rápidas do mundo contemporâneo? O pensamento paciente que preside a leitura enfrentará o corte rapidíssimo do *mouse* triunfo da mão sobre os olhos?

A essas questões que sugerem uma espécie de amortecimento do valor da literatura opõe resistência o pensamento inquieto e rigoroso de um ainda jovem, mas maduro, ensaísta que defende a autonomia do literário sem negar-lhe a inserção no contexto geral da cultura e que nesta defesa recusa as facilidades do consumo imediato de correntes críticas, recusa abismar-se na linguagem do outro, afogar-se no texto-desejo do outro. Falamos de Evando Nascimento cujo lance de dados é manter-se dentro do rigor e da autonomia de um dos mestres da Literatura Moderna, esse que preside nosso enquadramento de leitura – Mallarmé – o autor do lance mais preciso para desafiar o acaso da linguagem.

Autonomia de leitura é o que deseja Evando Nascimento quando lança seus dados com o livro *Ângulos: Literatura & Outras Artes*, publicado, em 2002, pelas editoras universitárias UFJF, de Juiz de Fora, e Argos, de Santa Catarina, no circuito geral da crítica mais recente. O lance de Evando cria uma constelação de textos-objetos que ativam o pensamento e desafiam o perigo da imersão identificatória. O gesto de escolha que precede o livro publicado obedece ao que nos acostumamos a compreender – com os concretistas – como *paideuma*, ou seja, textos e autores que lhe incitam o pensamento, com os quais criou laços afetivos e que permaneceram no seu horizonte de leituras por afinidades eletivas. O *paideuma* de Evando tem estrita convivência com o pensamento francês pós-estruturalista, com Derrida sobre todos, mas também com os nietzschianos Bataille e Blanchot, com Gilles Deleuze, com Michel Foucault, com Roland Barthes e com o triunvirato alemão do pensamento contemporâneo Nietzsche, Heidegger e Freud. No Brasil, suas escolhas são Machado de Assis, Oswald de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Lucio Cardoso e os concretistas, para ficarmos no conjunto de autores representativos do que Evando entende por uma “literatura pensante”.

Formado pelos melhores mestres nacionais: Evelina Hoisel, Silviano Santiago, Roberto Corrêa dos Santos e pelo encontro face a face com seu objeto de estudo – Jacques Derrida, o trabalho intelectual de Evando é marcado pelo rigor, pelo enfrentamento do difícil. Confira-se, por exemplo, na qualidade do livro *Derrida e a Literatura*² a generosidade de compartilhar com o leitor (guiando-o no emaranhado dos difíceis conceitos derridianos) esse aspecto luxuoso do saber, que demanda esforço, calma, método (refazer caminhos do conhecimento) e atenção, no mundo de hoje que é o contrário disso tudo: apressado, fragmentário, dispersivo.

Por outro lado, esse caráter erudito não está encapsulado numa atitude aristocrática e elitista que acaba por esterilizar o conhecimento, afastando-o do mundo. Em Evando, a capacidade de estar antenado com o que se produz contemporaneamente

2 NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura*: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. 2ª ed., Niterói: EdUFF, 2001.

em todas as áreas da cultura, da arte erudita ao mundo pop, enriquece, oxigena e atualiza sua reflexão crítica. O autor tem a rara qualidade de saber garimpar, no lixo mercadológico, a fúria e a beleza de certas produções contemporâneas que o olhar esperto (desperto) recolhe, de saber refletir sobre o contemporâneo e refletir o contemporâneo no seu trabalho: “O que seria um monstro que pode ser falado no espaço nobre de um evento? O que é o lixo que pode ser arrastado e contemplado nos salões da Academia? Seriam, se muito, monstro e lixo domesticados, o nosso lixo e o nosso monstro, de casa.”³

Essa seria talvez a encruzilhada mais interessante de um jovem acadêmico nos dias de hoje. Poder aliar o saber exigente à capacidade de escolha sem preconceitos do que vai estudar e ensinar. Distinguir o intratável, o resíduo, a aberração em meio ao reciclável. Poder ler a cultura com Bill Condon, Glauber Rocha, José Celso Martinez, Arlindo Daibert, Sex Pistols com o mesmo entusiasmo e a mesma sensibilidade atenta de como lê Rosa e Pessoa, entre outros, conferem ao autor o que Silvano Santiago nomeou como “talento singular de um pensante.”

Esse trabalho do pensamento pode ser conferido neste *Ângulos*, livro de 13 ensaios, uma espécie de trajetória de um professor que se vê na contingência de explicar, recontar, citar, ou seja, limpar o terreno do pensamento, pôr os conceitos em seus devidos lugares, mas também de um intelectual que deseja fazer seu lance de dados, ir além da respeitosa fidelidade, lançar-se ele também numa aventura convulsiva: “Gume de enxada cortando raiz, ponta de seta furando maçã, fio de lâmina rasgando veia, fibra de corda lacerando músculos, são somente pálidos sinais do lance em seu brilho pulsante de estrela.” (*Ângulos*, 161).

A Literatura resiste no livro *Ângulos*, pois não está a serviço de comprovações teóricas ou de postulados sociológicos. A “marginalidade” da Literatura resiste, não por meio da abordagem de temas ou de textos marginais, mas pelo cuidadoso trabalho de desmontagem e remontagem dos textos que lhe faz ressaltar o valor textual, sua diferença com relação às outras linguagens. O trabalho de leitura é paciente até que se torna ativo, ou que é ativado pela máquina textual. O autor busca a espessura da literatura pensante, da literatura tensionada, em estado de alarme, a função indagadora da literatura, para dela poder criar sua própria escrita intensiva: “Um discurso meramente teórico não teria grande alcance se não se fizesse acompanhar de uma escrita intensiva, quer dizer uma escrita que se aproprie de outras vozes, falas autorais para reempostá-las a sua maneira” (*Ângulos*, 2002:188).

Protocolo de leitura

Para ler *Ângulos* nos seus diversos prismas temáticos, mas procurando enfeixá-los por linhas mestras de composição, sugerimos um protocolo de leitura que segue as matrizes do pensamento crítico de Evando neste livro. Afinal esta constelação de

3 Idem. Lixo, Beleza e Fúria. Texto de uma conferência pronunciada em mesa-redonda em torno do Corpo do Informe, organizada por Karl Erik Schollhammer, na PUC-RJ, em abril de 2002, com Evelyn Grossmann (Universidade de Paris VIII) e Peter Pal Pelbart (PUC-SP)” (cópia digitada).

ensaios obedece a um “coeso sistema de relações, desenvolvendo-se num horizonte probabilístico”⁴. São essas matrizes: o lapso, o laço e o lance.

O Lapso

Os primeiros quatro capítulos de *Ângulos* – de um modo ou de outro – travam diálogo entre as duas culturas: a nossa e a dos outros. Tratam, portanto, do grande (referido aos países desenvolvidos) e do pequeno (aos periféricos). Tratam dos lapsos, fendas, assimetrias, referências (com suas angústias?), influências, vampirismos e antropofagias.

A reflexão – sob esse aspecto – de *Ângulos* não cede ao apelo dos estudos culturais, mantém-se dentro de uma política / poética de resistência do literário (essa é uma questão para o Evando, como afirmamos acima), uma poética de radicalidade para ficar na terminologia de Haroldo de Campos, uma poética da literatura pensante. Portanto, quando deparamos com um texto como “A Noção de Margem em Literatura e em Filosofia”, não esperemos um estudo de fundo sociológico sobre vozes caladas; a reflexão está interessada na raiz da revolução epistemológica que abalou a noção de centro e de origem, desfocando as verdades etnocêntricas, falocêntricas e que tais. Por isso a idéia de marginalidade retorna à reflexão sobre o transgressivo das vanguardas e não versa apenas sobre os limites restritos do que a visada ideológica sobre o social pode perceber, embora, reconheça impossível descartar o político dessas relações.

Para entendermos melhor o político nessa relação, interessa sobretudo no artigo sobre o conto “O Lapso” (escrito por Machado de Assis) a breve consideração inicial que de devedores periféricos nos faz passar a potenciais credores: “...comparar os dados elaborados pela ficção machadiana com as descobertas iniciais dos doutores Joseph Breuer e Sigmund Freud no campo da psicanálise. A hipótese do trabalho reside na coincidência, apesar da distância entre o Brasil e os centros europeus e norte-americanos de cultura do método terapêutico esboçado no conto com o método psicanalítico em seus primórdios” (*Ângulos*, p. 56).

O lapso cultural neste caso ocorre por uma impossibilidade de reconhecimento por parte da cultura hegemônica da dívida contraída com as nações periféricas. Em última instância, ninguém se perguntaria alguma vez se Breuer ou Freud leram Machado, sendo muito comum e até esperável a pergunta pelo contrário. A idéia levantada por Evando repercute o motivo antropofágico de Oswald de Andrade: a necessidade de se aprender – no estrangeiro – a ver por outro ângulo esse comércio que não o do exótico ou o da “macumba para turista ver”. Essa “amnésia parcial” das relações entre credor e devedor, ressaltando que a nós não é permitido o esquecimento da dívida com “os grandes”, é também introjetada no âmbito de nossa própria cultura de forma que a dinâmica que nos move nos fez também esquecermos, por longos anos, de pagar a dívida com os negros e índios. O próprio Machado, autor do arguto conto estudado por Evando, só pôde ser absorvido nos meios letrados depois de passar por um estratégico processo de “branqueamento e entronização” de sua literatura no seio da cultura hegemônica para não morrer como “um pobre” diabo a semelhança do que acontece com o Dr. Jeremias Halma, personagem de Machado no conto.

4 CAMPOS, Haroldo de. “Lance de olhos sobre *Um Lance de Dados*”. In. CAMPOS, Augusto e Haroldo & PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*, 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1991. p.187.

O reconhecimento do lapso cultural permite que a vontade de potência se expresse deixando de ser reativa, que a auto-afirmação se expresse de forma menos angustiada, mais transcriativa, por uma espécie de força demoníaca, desobediente e desafiante. Dessa forma, o lapso transformar-se-á (ou transforma-se) em “transluciferação”, segundo a proposição concretista de tradução – se a tomarmos numa acepção ampla de trocas culturais e/ou textuais – “Flamejada pelo rastro coruscante de seu Anjo instigador, a tradução criativa possuída de demonismo, não é piedosa, nem memorial: ela intenta, no limite, a rasura da origem: a obliteração do original. A essa desmemória parricida chamarei “transluciferação” (CAMPOS, Haroldo apud *Ângulos*, p. 92).

Lida dessa forma, a questão do lapso suscita, portanto, um novo modo historiográfico não ressentido, afirmativo, devorador, oswaldiano, potente.

O Laço

Trata-se do trabalho de entrecruzamento das referências matrizes do desconstrutivismo, das referências intertextuais mais específicas, mais particulares, do trabalho de tecelão que o autor tem de estabelecer com os materiais teóricos, críticos e artísticos configurando um campo de saber desbordante e tenso por excesso de consciência da precariedade de qualquer discurso de poder contemporâneo, mas também da força abaladora do exercício crítico que pode fazer girar os signos e desdobrar novos desenhos no tapete, constituem o que conhecemos sob o nome de intertextualidade e também de interdisciplinaridade. Os laços tornam o crítico contemporâneo uma espécie de homem renascentista, cujo olhar giroscópico deve saber exercitar-se sobre as mais diversas linguagens (cf. em *Ângulos* além da crítica textual, a crítica sobre cinema – *O Pagador de Promessas* –; sobre artes plásticas, a exposição de desenhos de Célia Ribeiro e a de *100 Objetos para Representar o Mundo* de Peter Greenaway).

O laço pode também ser entendido como o trabalho de tradução da crítica, essa ponte entre duas ilhas – a solidão do texto e a solidão do leitor. O laço não aperta porque não é explicativo ou redutor das forças textuais, o laço é o exercício de: “debruçar-se sobre a superfície significativa para, pondo os dedos no tecido, puxar pacientemente os fios e recompô-los em nova ordem. De modo que, ao fim da leitura, o que se tem é, a um só tempo, os mesmos fios, mas também um novo tecido resultado dessa outra fiação” (*Ângulos*, p. 111).

Os laços são ainda a capacidade de articular, no plano geral do livro, textos que constituem como uma família (os laços de), uma nova constelação formada de textos importantes para o autor sobre o crivo de suas exigências críticas. Os laços constituem, portanto, se não valores estéticos hierárquicos e pré-existentes, um reconhecimento valorativo da força desses textos e de sua capacidade de criarem zonas de intervenção para além de si mesmos, como é o caso dos textos oswaldianos e daqueles do grupo concretista. Dessa forma, os textos de *Ângulos* reorganizam a história da literatura sob essa perspectiva particular.

○ Lance

○ texto nº 11, “O lance”, de 1988, publicado, pela primeira vez, no jornal de Literatura *Verve*, é uma pequena peça teórico-metafórica, na base de uma configuração assertiva [“o lance é o infra; é entre isso e aquilo; é (seu) relance; é imanência; é o disparo”]. No lance, corroem-se todas as esperanças de totalização, de um saber completo, um *saber tudo*, para ter acesso – junto (com) a mallarmaica concepção da constelação – à experiência estética.

Em outras palavras o lance configura a experiência de leitura, provocada ou produzida a partir de Idéias que, girando à borda, à superfície, à margem, em torno de um texto, de uma obra, de uma experiência, suscita o que Evando define como uma escrita. Se o lance “subtrai tudo em torno”, pode-se pensar na leitura e na decorrente atividade da escrita como práticas apropriativas e criativas, de modo a fazer com que o leitor- crítico possa apossar-se e ser possuído do e pelo saber do(s) outro(s) para poder atingir o que Barthes chamou de saber com sabor ou o que Silviano Santiago, de sapiência. Essa experiência tão violenta para alguns quanto o êxtase místico, mas muito mais discreta em suas manifestações visíveis, não deverá se confundir com a projeção do ego narcísico (embora ele esteja lá, feito uma sombra, mas posto sob controle), pois opera de dentro para fora, mas por meio da deglutição, da degustação, da violação do outro corpo: “o corpo que opera, de dentro para fora, num processo de pura exteriorização, até atingir o mais externo do fora. E de fora para dentro, investindo o de de-dentro, as vísceras como um outro fora. Eviscerar, trazer as vísceras de dentro para fora, sempre mais além. Eis a exterioridade do pensamento do fora (“Lixo, Fúria & Beleza”).

Trata-se o lance de um duelo de subjetividades. Nem o “ábismo identificatório”, nem o “controle total” podem defini-lo, mas o mútuo abalo, a transgressão, a transitividade. O lance pode ser uma erótica intensa e vertiginosa – *un coup de foudre* – e uma luminosidade apolínea lenta e comedida. Uma escrita intensiva para uma literatura pensante.

Por fim, o protocolo de leitura de *Ângulos*, de Evando Nascimento, focado nesses tríplexes aspectos, remete para a finalidade do livro que se apresenta como um excelente serviço à crítica literária recente e, no circuito do ensino de Literatura, constitui-se num instrumento renovador do pensamento universitário, capaz de ajudar aos estudantes e professores de Letras a desrecalcarem os traumas da dependência, a libertarem-se da mesmice e a criarem novos laços, novas frátrias, novos lances.